



O ensino feminino privado em Pelotas no Rio Grande do Sul (século XIX)

The private female teaching in the Rio Grande do Sul state Pelotas city (19th century)

Patrícia Daniela Maciel

Eliane Peres

Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este artigo utiliza como fonte de pesquisa anúncios de escolas e aulas particulares femininas publicados em jornais pelotenses mais de mil anúncios de jornais do século XIX. A partir desses dados são analisadas as experiências de ensino para mulheres no período de 1875-1890. Conclui-se que em Pelotas, nesse período, havia uma significativa e diversificada rede de ensino feminino privado que iam desde aulas particulares em domicílio até colégios femininos em forma de externatos e internatos.

Palavras-chave: História da educação. Educação feminina. Ensino privado.

Abstract

This article employs as a research source advertisements of schools and private lessons for women published on Pelotas city 19th century journals. From this basis, over a thousand periodical advertisements, experiences of the teaching for women in the 1875-1890 period were analysed. The conclusion is that, in Pelotas city, and in this period, a significant and diversified private teaching net for women had place, from particular teaching classes to home schools for women, regular and boarding schools.

Keywords: Education history. Female education. Private teaching.



Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa que visa analisar a educação feminina em Pelotas e tem como objetivo principal mostrar que havia nesta cidade, no século XIX, uma significativa e diversificada rede de ensino feminino privado (aulas particulares, colégios femininos, externatos, internatos etc.), e, em consequência, um amplo mercado de trabalho para as mulheres, especialmente às mulheres professoras. Os colégios femininos privados e as aulas particulares, apresentados neste trabalho revelam uma parte importante da história da educação feminina em Pelotas.

Nos jornais pelotenses de circulação diária, através de anúncios, eram divulgados os *collegios femininos*, bem como professoras que se ofereciam ou eram solicitadas para ministrar aulas particulares em residências ou outros espaços públicos e privados. Neste sentido, na pesquisa são utilizados anúncios de jornais pelotenses — *Correio Mercantil*, *Jornal do Commercio*, *A Discussão*, *Onze de Junho*, *A Pátria*, *Diário de Pelotas*, *Rio Grandense* e *A Nação* — disponíveis no Museu da Biblioteca Pública Pelotense (BPP) de grande importância no contexto pelotense, foi a principal fonte de pesquisa; os outros foram consultados na medida em que, para alguns semestres ou anos, o *Correio Mercantil* estava danificado ou indisponibilizado, e também com fins comparativos.

Na pesquisa, foram catalogados 1041 anúncios — contados repetidamente em cada ano — relativos ao período de 1875 e 1890. O período da investigação refere-se ao jornal mais antigo disponível na BPP (*Correio Mercantil*, 1875), no caso da data inicial; para a data final levamos em conta a implantação do período republicano, pois consideramos que com a República se configura um novo momento no ensino brasileiro, em especial um discurso que enfatiza fortemente o ensino público. Dos anúncios catalogados, 692 são de *collegios femininos* privados e 349 de aulas particulares para meninas. O estudo insere-se, portanto, no campo da educação feminina.

Sendo assim, os estudos que subsidiam a análise deste trabalho são, por um lado, referentes à história das mulheres, educação e relações de gênero, destacando-se nessa linha autores como Souza Lobo (1991), Lopes (1994), Scott (1992, 1995), Louro (1997) e Perrot (2005). No que tange os estudos da História da Educação, contribuíram para esta pesquisa autores

como Schneider (1993), Tambara (1997), Faria Filho & Vidal (2000) e Peres (2002).

Neste estudo consideramos que, como afirma Louro, “[...] as definições de homem e mulher, do masculino e feminino são efetivamente *construções históricas* e não um simples reflexo de um fato biológico.” (LOURO, 1995, p. 118). Em Joan Scott (1990, p. 14), o conceito de gênero é apresentado nos seguintes termos: “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.” Estas duas dimensões do conceito de gênero de Scott supõem que a construção do masculino e do feminino não está inscrita apenas nas identidades individuais, mas na própria ordem social. A questão principal é, como enfatizou Elizabeth de Souza Lobo (1991, p. 188), que as relações de gênero “[...] implicam não apenas diferenças, assimetrias, mas hierarquias, e que são relações de poder que fazem parte dos mecanismos de constituição dos poderes nas sociedades.”

Nesta perspectiva, temos procurado problematizar a oferta de escolarização feminina em Pelotas no século XIX. No caso em evidência, escolas e aulas privadas femininas, procuramos entendê-las no contexto social, econômico e cultural da cidade de Pelotas e das diferentes redes de relações de poder.

Nesse sentido, o artigo aborda, primeiramente, aspectos da história da educação feminina privada em Pelotas; em seguida, discute elementos metodológicos referentes ao uso de anúncios de jornais como fonte de pesquisa para a história da educação; posteriormente, como resultados da investigação, apresenta as aulas particulares e os colégios femininos privados, bem como características das professoras deste ensino.

Aspectos da história da educação feminina privada em Pelotas

Inicialmente é preciso considerar que Pelotas foi, no século XIX, o centro industrial e comercial charqueador mais importante de toda a Província. Em função da riqueza que circulava na cidade teve, também, uma vida social e cultural intensa. O modelo de vida, os costumes, os hábitos e os comportamentos, o lazer, as artes, a educação, as atividades intelectuais de um modo geral, foram imitados principalmente do município da Corte (Rio de Janeiro)



e dos países da Europa. Modelo de desenvolvimento, de modernidade, de civilização, de nobreza, principalmente a França que servia de parâmetro para a organização da vida familiar e social da elite pelotense. Isso era claramente perceptível na arquitetura dos prédios públicos e particulares, nos móveis e na decoração das casas, no vestuário, nas leituras, nas idéias que penetraram amplamente em alguns segmentos da sociedade pelotense.

Assim, Pelotas alcançou projeção na Província e em nível nacional, a ponto de tornar-se uma das cidades mais importantes do Rio Grande do Sul. Sem dúvida, sua pujança econômica, advinda da indústria saladeril, foi a principal responsável pela importância que adquiriu a cidade no cenário gaúcho e brasileiro. Data de 1780 a primeira charqueada estabelecida em Pelotas, por José Pinto Martins. (MAESTRI, 1993). A indústria do charque cresceu e na segunda metade do século XIX era a principal atividade pelotense. Dela derivaram outras indústrias, como de couro, de cola, de sabão, de velas. Pelotas tornou-se, portanto, o grande centro produtor do charque tanto que no final do século XIX havia por volta de 40 charqueadas instaladas às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo.

Em relação à educação, a cidade, denominada São Francisco de Paula, no ano de 1832, já contava, segundo Magalhães (1993, p. 225), com algumas escolas: “[...] havia aqui cinco aulas particulares, freqüentadas por 244 alunos, sendo 35 do sexo feminino”. Naquele mesmo ano, ao tornar-se vila, “[...] estabeleceu-se a primeira escola pública, com duas aulas — para meninos e meninas, separadamente.”

Ainda conforme Magalhães (1993, p. 225), “[...] na realidade, desde 1820 (desde antes da Independência) haviam sido autorizadas a funcionar na Capitania de São Pedro oito aulas públicas de primeiras letras — inclusive uma delas na Freguesia de São Francisco de Paula. Só não há indícios de que tenha sido efetivamente instalada.” Porém, segundo o autor, com a Revolução Farroupilha (1835-1845) todas foram fechadas. Depois da guerra, o ensino foi instalando-se gradualmente: “[...] dizem as estatísticas que em 1847 havia 11 escolas em Pelotas, entre públicas e particulares; em 1861, 14; em 1873, 28; em 1891, 46. Isso significa que a oferta material da instrução dobrou entre 1861 e 1873 e mais, triplicou durante o período que nos ocupa [1860-1890].” (MAGALHÃES, 1993, p.226). Ao se referir ao ensino feminino afirma que:



Não podemos generalizar a educação feminina imperial como sendo pouco desenvolvida. Pelotas se diferencia ao consolidar a freqüência das mulheres no ensino feminino. [...] Em 1891, de 2.759 alunos, 1.119 eram do chamado belo sexo. (MAGALHÃES, 1993, p. 232).

Apesar do autor não especificar o número de escolas privadas femininas, destaca algumas existentes nessa época: “[...] o colégio Santa Rosa, da professora Rosa Pinto; o Colégio Acácia, o primeiro exclusivamente feminino, cuja diretora era M. M. Medeiros; o Colégio de Meninas, de Madame Jeanneret; os colégios Santa Cecília e Vitória, que faziam propaganda na imprensa das suas aulas de agulha e bordado.” (MAGALHÃES, 1993, p. 226). Embora não fosse a temática de pesquisa do autor, ele indica a existência de uma rede de escolas particulares e femininas, questão que nos moveu para a pesquisa.

É preciso considerar também que, nesse período, as iniciativas públicas no campo da educação feminina ainda eram lentas e graduais, o que possivelmente favoreceu a expansão do ensino privado em Pelotas, uma vez que a educação das mulheres estava em pauta nos debates e circuitos intelectuais nacionais e locais. (TAMBARA, 1997).

Segundo Cardoso (2004), o que ocorria no Brasil, no período imperial, é que não havia disputa entre escolas públicas e particulares. Segundo a autora, “[...] sequer durante o Império brasileiro se observa essa disputa, uma vez que a escola pública nunca preencheu as necessidades da população, portanto a escola particular mantinha um espaço de atuação que era *complementar e não concorrente*.” (CARDOSO, 2004, p. 183, grifos nossos).

O que havia era, na verdade, um “[...] incentivo do Estado para a proliferação do ensino particular [...]”, traduzindo-se essa política de diferentes formas: “[...] o descaso e a omissão quanto aos assuntos da educação pública, a necessidade de dividir a tarefa com a sociedade, a prática das subscrições populares para arrecadar fundos, o incentivo e a parceria da sociedade e associações voltadas para a instrução.” (CARDOSO, 2004, p. 183).

Portanto, em Pelotas, nesse período, houve um conjunto de razões que potencializaram a abertura de escolas femininas, principalmente a riqueza advinda da indústria do charque, a presença de uma elite e seu conseqüente



interesse em educar o *bello sexo*, a ainda tímida presença do poder público na esfera educacional, entre outras.

A imprensa pelotense e os anúncios das escolas femininas privadas

No Brasil, a imprensa, no final do século XIX, constituiu-se na mais importante forma de comunicação e expressão de modos de agir e pensar. Anjos (2000, p. 54) afirma que, no último quartel do século XIX, “[...] não seria demais lembrar que Pelotas foi, durante a segunda metade do século passado, uma sociedade muito bem servida de jornais e periódicos literários.”

Tomamos, como fonte de pesquisa, alguns desses jornais pelotenses, mais precisamente os anúncios de escolas privadas e aulas femininas. Nesses jornais, em geral, entre as quatro páginas diárias, uma delas era especialmente reservada aos anúncios. Trata-se de propagandas publicadas diariamente que informavam sobre produtos e serviços prestados à comunidade. Entre os produtos oferecidos encontram-se: remédios, alimentos, imóveis, vestuário, cosméticos, leilões, livros, teatros, venda e aluguel de “escravos”, “moleques”, “creoulas”, “mulatas” (durante o regime escravocrata), “meninos”, “meninas” ou “criadas” (após a lei da Abolição da Escravatura). Nesse contexto, havia também anúncios de escolas, nos quais eram destacados geralmente o nome da fundadora (*directora*), das professoras e professores, o currículo, o endereço, os preços, a condição de internato e/ou externatos, etc.

Sendo assim, os anúncios, nesta pesquisa, são utilizados pela sua pertinência, formando um *corpus* documental. Conforme Brandão (2005), os anúncios são reconhecidos pelo seu caráter documental, uma vez que:

[...] retratam, pelas informações que fazem circular, pelas ofertas e procuras de produtos e serviços, o universo dos objetos e das preocupações presentes num determinado grupo social de uma dada época. Por ser um discurso corrente no dia-a-dia do cidadão e estar presente desde que os primeiros jornais impressos começaram a circular, esse gênero do discurso torna-se objeto interessante para apreender aspectos da vida social de uma determinada comunidade discursiva. (BRANDÃO, 2005, p. 1).

Vieira (2004, p. 24) afirma, também, que a publicidade reflete, conforme cada época, padrões de comportamentos da sociedade e considera que “[...] a propaganda é o retrato da sociedade, ela é mais precisa do que qualquer outro registro.”

Para o caso específico da pesquisa histórico-educacional, os anúncios podem preencher lacunas e trazer dados que em outros documentos não estão disponíveis. Conforme Tambara e Arriada (2004, p. 5), nos seus estudos sobre a instrução pública no Brasil, “[...] são relativamente escassos os relatos, relatórios” [...], no que se refere as estatísticas sobre a educação e sistematização de ensino no século XIX. Assim sendo, os anúncios representam uma importante e peculiar fonte de investigação, pois permitiram focalizar, para o caso em questão, práticas e espaços de educação e de trabalho feminino em Pelotas no século XIX, no caso específico as escolas privadas e o magistério como ocupação das mulheres. Com o objetivo e a possibilidade de dar visibilidade à história da educação feminina, em Pelotas, pode-se afirmar que os anúncios das escolas femininas privadas são dados significativos porque são um dos únicos meios de informação à disposição dos/as historiadores/as que indicam a existência dessa rede de educação e trabalho femininos.

A seguir, apresentamos e analisamos alguns dos anúncios pesquisados.

48

As aulas particulares femininas em Pelotas no século XIX

As aulas particulares representam um conjunto de anúncios que tinham como uma das principais características a oferta de ensino individualizado, geralmente de uma única disciplina como as primeiras letras, língua estrangeira, música, dança, artes, mantido por uma professora e que utilizava o espaço da casa das alunas ou sua própria residência para ministrar tal ensino.

Faria Filho e Vidal (2000, p. 21 e 22), referem-se, em seu estudo, às “escolas do improvisado” ou “rede de escolarização doméstica” que, segundo eles, “[...] superavam em número, até bem avançado o século XIX, àquelas escolas cujos professores mantinham um vínculo com o Estado.” Indicam, também, para uma “[...] multiplicidade de modelos de escolarização realizados nas escolas do século XIX. Todos eles, com exceção dos colégios, utilizavam espaços improvisados das casas das famílias ou dos professores e de prédios



públicos ou comerciais.” Em Pelotas, especialmente na segunda metade do século XIX, essa parece ter sido a realidade corrente.

Para o caso pelotense, a partir dos anúncios dos jornais, foi possível identificar as seguintes situações de educação feminina:

- Oferta de aulas particulares ministradas na residência das professoras ou de seus parentes;
- Oferta de aulas particulares ministradas por professoras na casa do aprendiz;
- Oferta de aulas ministradas por preceptoras (professoras que residiam na casa dos alunos);
- Solicitação, pedidos de professoras e/ou pessoa habilitada para dar lições em residências.

Vejam alguns exemplos destes anúncios:

FRANCEZ

Anna da Silva Carvalho, recentemente chegada a esta cidade dispondo das necessarias habilitações, propõe-se a leccionar a lingua franceza, pelo methodo Hallendorf, em casas de familias, as senhoras e meninas mediante condições favoraveis. Tambem aceita alumnas para ensinar em sua casa. Pode ser procurada em casa de Boaventura da Fontoura Barcellos. (FRANCEZ, 1878, p. 3).

[...]

PROFESSORA

Madame Messeder, aprovada pelo conselho director da instrucção publica de Pariz, propõe-se a leccionar linguas franceza e ingleza e o desenho em casas particulares ou em sua residencia. Mlle. Messeder, discípula do conservatorio de Pariz, propõe-se a leccionar piano em sua residencia ou em casas particulares. Podem ser procuradas na rua Voluntarios n. 23 esquina da rua S. Miguel, sobrado. (PROFESSORA, 1887, p. 4).

[...]



CURSO DE FRANCEZ

Uma senhora franceza habilitada e com diploma da Faculdade de Paris tem a honra de informar as Exmas. familias desta cidade que no dia 13 do corrente abrirá um curso de lingua franceza pratica. Tambem póde leccionar em casas das Exmas. discipulas. Para maiores informações dirigir-se todos os dias das 9 às 11 horas da manhã a rua General Osório n. 196. (CURSO DE FRANCEZ, 1883, p. 4).

[...]

ATENÇÃO

Uma professora allemã deseja encontrar discipulas para lições ou em casas de familia, ou em collegios, leccionando as seguintes matérias: allemão, francez, inglez, piano, geographia, desenho e trabalhos de agulha. Informações no Hotel Alliança. (ATENÇÃO, 1889, p. 4).

[...]

PRECISA-SE

De uma professora para leccionar portuguez, fóra da cidade. Para maiores informações na rua S. Jeronymo n.75. (PRECISA-SE, 1890, p. 3).

[...]

PROFESSORA DE PIANO

Emelia Requião Sant'Anna pode ser procurada para exercicio de sua profissão em casa de seu irmão Dr. Domingos Alves Requião à rua Félix da Cunha, 56. (PROFESSORA DE PIANO, 1889, p. 4).

Conforme Vasconcellos (2005, p. 53), as professoras eram denominadas, nesses casos, de "mestres das casas", termo que perdurou, segundo a autora, até meados do século XIX e que indicava a denominação para professores/as particulares, porque atendiam as crianças nas casas e ministravam aulas de conteúdos ou conhecimentos específicos individualmente ou pequenos grupos, via de regra, familiares.

Na pesquisa, chama a atenção a quantidade e o tempo em que alguns anúncios circulavam nos jornais. Algumas professoras ofereciam seus serviços durante muito tempo, conforme, por exemplo, o anúncio da Sr. D. Adela O. de Royoi que foi publicado durante 3 meses, em 1883, totalizando 90 anúncios. A professora oferecia aulas de "musica, piano, francez e



italiano” que eram ministradas em sua residência. Outro exemplo é o de Mlle. Isabel Mac’Ginity, que em 1880, entre os meses de janeiro a maio, publicou 45 anúncios, oferecendo-se para o ensino de “francez, inglez ou allemão, a fallar, traduzir ou escrever grammaticalmente”. Isso talvez indique que o mercado não fosse tão receptivo às mulheres; que foi necessária muita determinação, persistência e luta para garantir o exercício da profissão.

Chama a atenção, também, que entre os anúncios de aulas particulares é possível encontrar um número significativo de professoras que ofereciam seu trabalho e, após algum tempo, fundavam *collegios femininos* ou atuavam paralelamente em ambos os espaços. As aulas particulares foram, nesse sentido, uma estratégia que algumas professoras utilizaram para estabelecerem-se e investirem em um projeto mais ambicioso: a criação e a manutenção de uma escola. Era, também, certamente, uma forma de ganhar a credibilidade da clientela. Além disso, as aulas em domicílio significaram a “porta de entrada” para que mulheres recém chegadas de países europeus e platinos iniciassem os seus trabalhos como professoras na cidade.

Nos anúncios das aulas em domicílio foi possível verificar como as professoras, principalmente as estrangeiras, iniciavam suas práticas educativas: primeiramente ofereciam serviços como professoras particulares, e, transcorrido um tempo, abriam seus próprios colégios para meninas; talvez após ambientarem-se, conhecerem a cidade, conquistarem “clientela” e alcançar uma certa legitimidade e credibilidade entre a população. Um exemplo disso foi identificado através dos anúncios de Mlle. Isabel Mac’Ginity, no *Jornal do Comércio*, do dia 25 de Janeiro de 1880 e 07 de Janeiro de 1881. Inicialmente, em 1880, a professora ofereceu aulas particulares e no ano seguinte abriu uma escola feminina privada de ensino primário e secundário, denominada “Collegio Victoria”. Seguem os anúncios:

PROFESSORA

Mlle. Isabel Mac Ginity, discípula das irmãs de caridade de São Leopoldo, propõe-se a leccionar em collegios ou casas particulares, o francez, inglez ou allemão, a fallar, traduzir ou escrever grammaticalmente. Para informações com o Sr. Tenente-coronel Joaquim Ragado ou o Sr. Benjamin Guerreiro na rua Andrade Neves, 107. Casa de Confiança. (PROFESSORA, 1880. p. 3).

[...]



COLLEGIO VICTORIA

98 RUA PAYSANDU 98

Isabel Mac-Ginity, ex-alumna do collegio de S. José, em São Leopoldo e ex-professora do collegio de Mme. Jeanneret.

A directora deste collegio previne nos respeitáveis pais de família que abre as aulas de seu estabelecimento de instrucção primaria e secundaria no dia 10 do corrente. As matérias do ensino se compõe:

Ensino primario

Leitura, calligraphia, arithmetica, orthographia, grammatica e systema métrico.

Ensino secundario

Portuguez, francez, inglez, allemão, geographiageral, choro-graphia do brazil, analyse, themas de reducção, arithmetica desenvolvida, etc.

Trabalhos de agulha

Crochet, tricot, netting, ponto de marca, flores de papel, lã e penas, bordados em branco, filó, matiz, fróco, ouro e applicação.

Preços

Externas primarias..... 15\$000 — Por trimestre adiantados

Ditas secundarias.....24\$000

Bellas-Artes

Piano, canto e desenho.

Desde o começo das aulas abrir-se-ha uma classe para partucar a fallar o francez, inglez e allemão.

O ensino das Bellas-Artes é pago separadamente. (COLLEGIO VICTORIA 98, RUA PAYSANDU 98, 1881, p. 3).

Pode-se perceber, assim, que a educação em domicílio foi uma prática comum no século XIX, a qual permitiu, de alguma forma, a escolarização de uma parcela da população pelotense e a saída de muitas mulheres para o mundo do trabalho. Segundo Peres (2002), para o caso de Pelotas, no século XIX, é possível dizer que:



Embora o magistério e alguns serviços domésticos não fossem atividades exclusivamente femininas — o que revela que os homens podiam desempenhar, em alguns casos, as mesmas tarefas que as mulheres, enquanto elas não podiam trabalhar em 'atividades de homens' — o número de mulheres nestas funções era significativamente maior. (PERES, 2002, p. 60).

O magistério, em domicílio ou em escolas, significou na sociedade pelotense do século XIX, assim como em outras partes do País, um mercado promissor às mulheres. Aproveitando-se de um momento em que o magistério se consolidava como profissão feminina e era aceito socialmente como trabalho de mulheres; e da difusão do discurso da emancipação feminina e da necessidade de escolarização das meninas; do momento de prosperidade e riqueza econômica, essas mulheres-professoras ocuparam de forma significativa o espaço público. O magistério foi uma das formas mais importantes de conquista desse espaço.

Os *collegios femininos* privados pelotenses

Nos anúncios dos jornais pesquisados, entre os anos de 1875 a 1890, foi possível registrar 23 *collegios femininos* existentes nesse período. Ao todo, catalogando-se repetidamente os anúncios, foram 692 registros de publicidade desses colégios.

Conforme a tabela a seguir, foi possível identificar quais eram as escolas femininas privadas anunciadas, a quantidade de anúncios e o período de cada uma, além de algumas de suas professoras e diretoras:



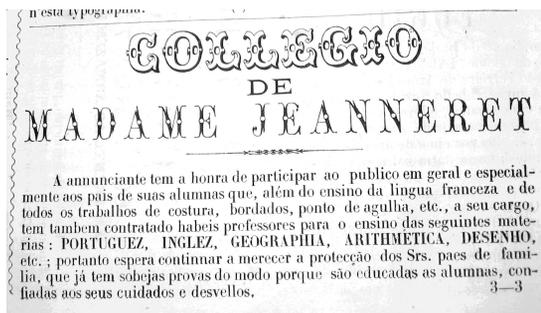
Quadro 1 – Anúncios dos *collegios femininos* 1875-1890

Número de anúncios	Período (anos) de publicação	Nome dos colégios, professoras, directoras
75 anúncios	1875 a 1890	Collegio de Meninas — Mme. Berta Jeanneret Professoras: Mme. Fulcher, 1876; Camille Tarnac, 1878; D. Pulcheria Soares, 1880; Julia Jeanneret, 1880, 1881; Mis Milna, 1882 .
194 anúncios	1875 a 1887	Collegio Acácia — Maria Malvina de Medeiros
08 anúncios	1875 a 1876	Collegio Francez — Mme. Audissou — Branca Audissou
19 anúncios	1877 a 1882	Santa Rosa — Rosa B. Pinto
27 anúncios	1878 a 1882	Santa Cecília — Adelaide Rodrigues Patricia Professoras: Sra. D. Augusta Martinez; D. Amélia Penedo Pinto, 1880
01 anúncio	1878	Collegio de Instrução Elementar — D. Amalia P. Furtado
09 anúncios	1878 a 1879	Collegio Franco Brasileiro — Mme. Lameignare
02 anúncios	1878	Curso Normal de Instrucção
06 anúncios	1880	Collegio Francez — Miss Mary Milne
65 anúncios	1881 a 1886 1889 a 1890	Collegio Victoria — Izabel Mac G-nity
71 anúncios	1882	Collegio Minerva — Emilia Frazão Silveira
08 anúncios	1883-1886 1889	Collegio Perseverança — Maria Antonia Mursa Professora: Maria Imbert
11 anúncios	1884	Externato Particular — Emilia de Mendonça
01 anúncio	1886	Elementarschule — Angelina Kleyln
10 anúncios	1886	Collegio São João — Florinda de Souza Barcellos
27 anúncios	1886 a 1887	Collegio Pedro II — Anna Barcello de Moura
04 anúncios	1887 a 1889	Collegio Honra e Trabalho — D. Maria Luiza de Arruda Pires Professora: Sra. D. Mathilde Figueira, 1887
04 anúncios	1887	Collegio para Meninas — Mme. Messeder
09 anúncios	1888	Collegio N. S. da Conceição — Sra. D. Herminia H. da Rocha
38 anúncios	1889	Externato Nacional — D. D. Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz
28 anúncios	1890	Collegio Santa Anna — Anna Barcellos de Moura.
01 anúncio	1890	Collegio Minerva — Ursula da Silva Lima

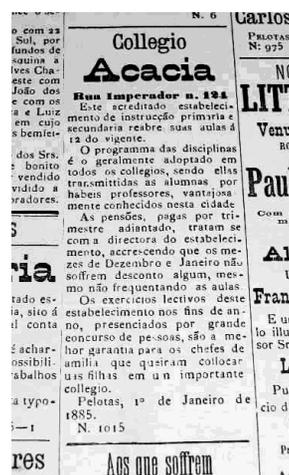


Entre outras coisas, foi possível observar a média de *collegios femininos* que anunciavam em cada ano: de três a sete colégios anualmente publicavam anúncios de seus estabelecimentos. No período de abrangência da pesquisa, os anos de 1878 e 1886 foram os que registraram maior número de anúncios dessas escolas. Não são, todavia, os mesmos que aparecem anualmente — com exceção dos Collegio de Meninas, de Mme. Jeanneret, e do Collegio Acácia —, o que indica, talvez, o caráter efêmero de alguns ou a necessidade de adaptação e reorganização de outros.

Pela pesquisa foi possível acompanhar, através da permanência ou não dos anúncios, como os colégios foram se alterando ou se modificando, fenômenos possíveis de se observar através da troca do nome dos colégios, das/os professoras/es, das diretoras, dos endereços. A seguir, apresentamos os anúncios dos dois *collegios femininos* que aparecem em praticamente todo o período da investigação:



Fonte: Correio Mercantil, 28 jul. 1875



Fonte: A Discussão, 05 nov. 1885

No período analisado, o Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret é o que se mantém durante os 15 anos da pesquisa. Desta escola coletamos um total de 75 anúncios. Nossos dados indicam, contudo, que o colégio foi fundado em 1872 e fechou em 1890. Do Collegio Acácia, da professora Maria Malvina de Medeiros, catalogamos 194 anúncios em um período um pouco menor, de 1875 a 1887. Contudo, em relação ao número de

anúncios, há outros dados que chamam a atenção, como, por exemplo, o Collégio Minerva que em 1882, quando esteve sob a responsabilidade de Emilia Frazão Silveira, publicou 71 anúncios, ou seja, um número extremamente significativo para uma única escola em um único ano. Infelizmente não dispomos de dados sobre o valor cobrado para a publicação de cada anúncio, o que permitiria algumas hipóteses sobre o “investimento” desses colégios na propaganda.

Em relação ao currículo escolar anunciado, constatamos a existência principalmente das matérias de *francez, portugues, leitura, calligraphia, arithmetica, historia, desenho, geographia, trabalhos de agulha*. O *francez* se destaca como uma das disciplinas constantes nos currículos dos *collegios femininos*, acompanhando uma tendência da sociedade pelotense da época em valorizar a cultura europeia, especialmente a francesa e, também, talvez em função da própria origem de algumas das professoras. Nos anúncios havia os seguintes destaques:

AULA DE FRANCEZ

Mme. Audissou

Discipula da Escola Normal de Bordeaux e depois professora do mesmo estabelecimento durante 5 annos, conforme o attestam seus documentos de habilitação, participa aos Srs. chefes de familia, que tem estabelecido n’esta cidade um collegio para ensino da lingua franceza especialmente e de outras differentes materiais, como geographia, historia, etc.

A sua longa pratica no magisterio, o methodo facil e rapido que emprega no ensino devem servir de garantia aos Srs. chefes de familia, a quem assevera empregar todos os esforços para corresponder á confiança com que a honrarem.

O collegio acha-se estabelecido á rua General Victorino n. 68. (AULA DE FRANCEZ. MME. AUDISSOU, 1876, p. 3).

[...]

PENSIONATO FRANCEZ E PORTUGUEZ

SEXO FEMININO

DIRIGIDO POR Mme. LAMENGNAIRE

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria situado na rua Imperador, ensina todas as materias exigidas para



uma boa educação, e admite pensionistas, meio-pensionistas e externas.

O professor d'este estabelecimento recommenda-se pela sua illustração e pratica do magisterio. É do particular cuidado da directoria e de todos os professores fazer as meninas fallar francez quer nas aulas quer no recreio, podendo assim saberem soffrivelmente esta lingua em pouco tempo. Ensina-se tambem musica vocal, instrumental, dansa e mais artes por ajuste particular. (PENSIONATO FRANCEZ E PORTUGUEZ SEXO FEMININO DIRIGIDO POR MME. LAMENGNAIRE, 1878, p. 4).

O destaque dos anúncios é justamente o ensino da língua francesa — sendo mesmo o título de alguns anúncios de escolas — e de outras habilidades como os trabalhos de costura, bordados, ponto agulha, música, dança, ou seja, as “habilidades consideradas femininas”. Chama a atenção, contudo, a ênfase nas disciplinas de português, inglês, geografia, aritmética, desenho, contabilidade escrita e “noções científicas”. Nesse sentido, pode-se dizer que o currículo era bastante amplo. Talvez aqui o binômio educação-instrução das mulheres estivesse associado. Ou seja, a educação e instrução feminina para a elite reuniam as habilidades de bordados e culinária para o domínio da casa; as habilidades de leitura, oralidade e o domínio de diversas línguas para bem acompanhar e representar na sociedade seu marido; e os conhecimentos científicos para uma educação vinculada à modernização e civilização da sociedade.

Conforme Louro (1997), as moças eram amplamente preparadas com destino ao lar:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente contemplado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. (LOURO, 1997, p. 447).

Outra disciplina de destaque no ensino feminino era a de leitura. Obviamente que o processo de leitura estava incluído em todas as disciplinas, mas oferecer a leitura como uma matéria específica indica que havia práticas específicas que eram desenvolvidas nessas escolas. A leitura é referida nos anúncios com sub-divisões que vão desde os “rudimentos da leitura”, “desde as primeiras letras”, “fábulas e leituras recreativas”, “leitura adiantada” até a “mais desenvolvida prosa e verso”. Não resta dúvida, portanto, que assim como o francês, a leitura era uma disciplina fundamental nas escolas no século XIX.

Analisamos, também, notícias divulgadas nos jornais locais dos exames finais desses colégios. Através delas é possível perceber que, no final do ano, os colégios, para difundir e tornar público o trabalho desenvolvido com as *alumnas*, entre eles o domínio da leitura, utilizavam espaços públicos como, por exemplo, a Sociedade Terspichore, uma sociedade bailante que promovia bailes e saraus na cidade. A prática da leitura oral era bastante comum. Conforme Chartier (2000, p. 21), a leitura em voz alta tem uma “função pedagógica”. Segundo ele, “demonstrar que se é um bom leitor, lendo em voz alta, constitui um ritual de passagem obrigatório para jovens que exibem, assim, seu domínio da retórica e do falar em público”. Ou seja, o caso dos exames finais era o momento das alunas socializar e demonstrar os conhecimentos adquiridos nos colégios. Veja a notícia publicada no *Correio Mercantil* em 28 de Dezembro de 1875.

Exercícios Escolares

No domingo passado, no salão da sempre prestativa *Terpsichore*, realizaram-se os exames das alumnas do Collegio Francez, dirigido pela habil professora a Exma. Sra. Branca Audissau.

Compareceram a essa festa da juventude das mais illustres familias pelotenses, que tiveram ensejo de presenciar um acto assás, edificante e nunca visto n’esta cidade.

As alumnas, depois de mostrar ao numeroso auditorio o quanto teem aproveitado seus estudos durante a existencia de seis mezes apenas que conta aquelle collegio, respondendo admiravelmente em todas as materias em que foram interrogadas — grammatica franceza, geographia, historia, arithmetica —, etc., etc., representaram, a caracter, uma interessante produção dramatica denominada *Perette et Gabrielle*, elegante composição de Mme. Audissou, e de tal maneira desempenharam os differentes



papeis, tão bem ensaiadas estavam, que os espectadores, por mais de uma vez promoveram em freneticos applausos de admiração. Depois da representação, que esteve realmente digna de todo elogio, as alumnas recitaram diversas poesias e cantaram belíssimos *couplets*, acompanhadas ao piano [...].(EXERCICIOS ESCOLARES, 1875, p. 1).

Nesse sentido, os exames escolares relatam experiências para um mundo privado, um universo letrado que ostentava conhecimentos que não eram certamente de domínio de toda a sociedade pelotense, mas de algumas mulheres da elite, principalmente ao estimular as leituras em francês, reservadas a uma minoria capaz de ler nessa língua. Foram muitos os textos, livros, poesias e *dialogos* em língua francesa. Eram leituras feitas como prova do sucesso das *alumnas*. As práticas de leituras em francês decorrem de toda uma representação em torno da instrução feminina, da aprendizagem da língua francesa e da sua utilização em situações públicas e privadas, da valorização do francês como língua padrão, bem como da aceitação dos padrões europeus como modelo de sociedade em Pelotas nesse período.

Algumas das leituras feitas podem ser evidenciadas nos títulos das obras lidas e nas formas de leituras, como podemos perceber nos exemplos a seguir:

59

COLLEGIO VICTORIA

Teve lugar hoje, neste estabelecimento de instrução primaria e secundaria para o sexo feminino, os exercicios sobre diversas disciplinas.

As alumnas da 1º e 2º classes responderam satisfatoriamente em todos os pontos que foram argüidas.

A mesa dos exames compunha-se da digna directora Exma. Sr. D. Izabel Mac Ginity e dos Srs. Albino da Silva silveira, Thomas King e Arnizaut Furtado.

Em francez leram e traduziram, com elegância alguns trechos de Beautés de Chateaubriand as alumnas D.D. Josephina Mac Ginity, Elysa Schneider e Izabel Fernandes.

Estas mesmas alumnas e juntamente D. Amelia Tavares analysaram logicamente alguns periodos em portuguez, seguindo-se a analyse etymologica pelas alumnas D. Honorina Silva,, Florinda Paula, Josephina Mac Ginity, Alice King, Emma King, Angélica



Coimbra, Thereza Amoretty, Victorina Amoretty e Francisca Xavier. (COLLEGIO VICTORIA, 1880, p. 2).

[...]

COLLEGIO JEANNERET

[...] houve um bonito *dialogo* na lingua franceza entre as intelligentes jovens Maria Luiza Chaves, Luclia Souza e Alice Duarte, o qual mereceu vivos applausos do numeroso auditórios, seguindo-se outro *dialogo* no mesmo idioma pelas não menos intelligentes alumnas D. Luiza Leivas, a Senhorinha Laquintinie.

As gentis discipulas de Mme. Jeanneret, D. D. Leopoldina Lopes, e Magdalena Tamborindeguy recitaram lindas poesias analogas ao acto, pronunciando uma bella producção poetica a cerca de Joanna d'Arc, a galante jovem Adelaide Ramos.

Pela digna directora foram distribuídos a todas as suas alumnas, como signal de lembrança, pela assiduidade e applicação oas trabalhos escolares durante o anno lectivo, lindos livros elegantemente encadernados. (COLLEGIO JEANNERET, 1882, p. 2).

60

Poesias, *dialogos*, *bella producção de Joanna d'Arc*, trechos de *Beautés de Chateaubrian*, mostram claramente a tendência de leituras públicas de clássicos, especialmente da cultura europeia, com ênfase para a francesa.

Outra característica marcante dos anúncios em questão era a de salientar os espaços físicos. Alguns dos colégios funcionavam em prédios próprios, sobrados que mantinham internatos ou semi-internatos e externatos para as moças. Além disso, eram prédios centrais que utilizavam espaços “nobres” da cidade, como, por exemplo, o Collegio Pedro II, que ficava na rua Pedro II, n.22, na praça Pedro II, junto ao Theatro Sete de Abril. (CORREIO MERCANTIL, 1886), hoje praça Coronel Pedro Osório (área central da cidade). Assim, muitos anúncios enfatizam as condições dos prédios das escolas, como vastidão e vários compartimentos, com o intuito de atrair a atenção das famílias principalmente porque muitos destes colégios ofereciam internatos, ou seja, ofereciam espaço de moradia para suas alunas.

Em relação às professoras, tanto os anúncios das aulas particulares quanto dos *collegios femininos* enfatizavam as qualidades e a formação das mesmas que era bastante variada e por vezes bastante especializada. Entre as qualidades morais e intelectuais observadas, os anúncios destacavam: “os dignos esforços, os escrupulosos cuidados, a observância”, a formação em



países da Europa, no Município da Corte ou em colégios religiosos. Ao destacar a formação profissional, as professoras recém chegadas dos grandes centros internacionais e nacionais usavam essas referências como 'chamariz', principalmente ao atestar, através da publicidade, os cursos que haviam concluído e as escolas em que se formaram ou as experiências com ensino em outras províncias ou países.

Portanto, eram comuns anúncios assim:

Aviso. Madame Eugenie Lamaignere

Madame Eugenie Lamaignere, recentemente chegada a esta cidade, professora pela academia de Pariz oferece os seus serviços às famílias que queiram dar-lhe a honra de sua confiança.

Possuindo uma completa instrução e grande prática de ensino, adquirida nos colégios da Europa e no mais importante de Buenos Aires, onde foi diretora, julga poder satisfazer plenamente aos justos desejos das pessoas que a encarregaram da educação de seus protegidos e transmitir-lhes uma educação completa.

A sua moradia é na rua General Osório n. 169. (AVISO. MADAME EUGENIE LAMAIGNERE, 1878, p. 3).

[...]

Madame F. Santos

Professora habilitada e a pouco chegada da Europa, ofereceu-se para lecionar em casas de famílias, as seguintes matérias: primeiras letras, português, francês, piano, desenho, pinturas, bordados, etc.

Pode ser procurada, provisoriamente, na Pensão Glynder, à rua Andrade Neves n.151. (MADAME F. SANTOS, 1897, p. 4).

Por fim, vale salientar que as mulheres-professoras empreenderam muitos esforços para garantir um espaço profissional no século XIX e que o ensino privado, tanto as aulas particulares quanto os *collegios femininos*, representaram efetivamente um trabalho para as mulheres e uma forma de escolarização para uma parcela da população feminina.

Considerações finais

É preciso considerar que o processo de urbanização, o desenvolvimento econômico, a criação de instituições culturais, o crescimento da imprensa, o surgimento de serviços públicos e privados e os discursos da emancipação feminina impulsionaram, de alguma forma, a educação na cidade de Pelotas no século XIX. Pelotas, pela sua riqueza econômica e cultural, advinda principalmente da indústria do charque, atraiu muitas mulheres — algumas delas vindas de países europeus e platinos — que encontraram terreno fértil na cidade para instalar escolas femininas e/ou para oferecer suas habilidades para a educação das meninas. Os anúncios dos jornais pesquisados indicam, nesse sentido, iniciativas de educação para as meninas e um crescente mercado de trabalho para as mulheres-professoras no século XIX. Nesse contexto é preciso considerar o avanço do discurso da emancipação feminina e da necessidade de escolarização das mulheres.

62 Sendo assim, a luta pelo direito à educação das mulheres resultou, naquela época, no fortalecimento e na oferta significativa de aulas e de escolas particulares para a população feminina, especialmente para as mulheres da elite. Projetos que se inspiravam em modelos de escolarização vindos, principalmente, da Europa e que, implementados por mulheres vindas geralmente destes países, propiciavam a instrução das mulheres pelotenses e a abertura e ampliação de um novo espaço de trabalho feminino, o magistério.

Tomando um período de 15 anos de pesquisa, 1875-1890, e tendo encontrado, em diferentes jornais de Pelotas, 1041 anúncios, sendo 692 de *collegios femininos* privados e 349 de aulas particulares para meninas, podemos afirmar que havia mesmo uma significativa e diversificada rede de ensino feminino privado na cidade, que nessa época contava com “uma população de 40.000 almas”, segundo o “*mappa cadastral*”, publicado no Jornal *A Pátria*, do dia 27 de Setembro de 1888; segundo o documento, “com uma expressiva população urbana em relação à população rural”.

Pretendemos, em uma segunda fase da pesquisa, abordar outro período da história da educação feminina pelotense, na tentativa de perceber se essa tendência, a existência de uma rede de aulas privadas e de escolas femininas em forma de internato e externato, perdurou em Pelotas adentrando o século XX.



Referências

- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização**: Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária (UFPEL), 2000.
- ARRIADA, Eduardo. Do Liceu D. Afonso ao Ateneu Rio-Grandense: tentativas frustradas de implantação do ensino secundário público na Província de São Pedro. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ASPHE), 10., 2001, Pelotas. **Anais...** Pelotas: ASPHE, 2001.
- ATTENÇÃO. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 4, 24 maio 1889.
- AULA DE FRANCEZ. MME. AUDISSOU. **Correio Mercantil**, Pelotas, p 3, 08 jan. 1876.
- AVISO. MADAME EUGENIE LAMAIGNERE. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 3, 6 abr.1878.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **O cotidiano em anúncios de jornais do século XIX**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/HBrandao001.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2006.
- CARDOSO, Teresa Maria Rolo Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004. (v. 1).
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.
- COLLEGIO VICTORIA. **Jornal do Comércio**, Pelotas, p. 2, 1º set. 1880.
- COLLEGIO JEANNERET. **A Discussão**, Pelotas, p. 2, 30 nov. 1882.
- CURSO DE FRANCEZ. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 4, 9 nov. 1883.
- EXERCICIOS ESCOLARES. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 1, 28 dez. 1875.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-33, maio/ago. 2000.
- FRANCEZ. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 3, 11 mar. 1878.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em história da educação e gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 11, p. 19-29, nov. 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-133, jul./dez. 1995.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

MADAME F. SANTOS. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 4, 21 ago. 1897.

MAESTRI, Mário. **O escravo gaúcho**: resistência e trabalho. Porto Alegre: Universidade, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

PENSIONATO FRANCEZ E PORTUGUEZ SEXO FEMININO DIRIGIDO POR MME. LAMENGNAIRE. **Correio Mercantil**, Pelotas, p 4, 8 jul. 1878.

PERES, Eliane Teresinha. **Templo de luz**: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru (SP): EDUSC, 2005.

PRECISA-SE. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 3, 22 jul. 1890.

PROFESSORA. **Jornal do Comércio**, Pelotas, p. 3, 25 jan. 1880.

PROFESSORA. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 4, 17 ago. 1887.

PROFESSORA DE PIANO. **Correio Mercantil**, Pelotas, p. 4, 12 ago. 1899.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/Edições, 1993.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes, São Paulo: UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAMBARA, Elomar. A educação feminina no Brasil ao final do século XIX. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 67-90, abr. 1997.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. **Leis, atos e regulamentos sobre educação no período imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Brasília: MEC/INEP/SBHE, 2004. (Coleção Documentos da Educação Brasileira).



VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres**: a educação no Brasil oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VIEIRA, Lula. História contada pelos anúncios. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 15 ago. 2004. (Caderno de Economia).

Ms. Patrícia Daniela Maciel
Universidade Federal de Pelotas
Integrante do Grupo de Pesquisa
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE)
E-mail | sissah@terra.com.br

Profa. Eliane Peres
Universidade Federal de Pelotas
Integrante do Grupo de Pesquisa
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE)
E-mail | etperes@ufpel.tche.br

Recebido 13 nov. 2006

Aceito 18 dez. 2006